



As multifunções dos jornalistas que atuam no mercado de trabalho da comunicação em Chapecó¹

Aline Daiane DILKIN²
Ilka Margort GOLDSCHMIDT³
Francesco Flavio da SILVA⁴

Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó /SC

Resumo

Esse trabalho discute causas e conseqüências da multifunção na vida profissional e na vida pessoal de cinco jornalistas inseridos no mercado de trabalho da comunicação em Chapecó. A falta de valorização do profissional por parte das empresas faz com que o jornalista se submeta ao jornalismo com "ideal mercadológico" e não consiga fazer valer no seu dia a dia os elementos do jornalismo com "ideal romântico". Nesse sentido, a pesquisa apresenta dados sobre a história do jornalismo enquanto profissão, as influências da tecnologia no cotidiano do profissional e a busca pela profissionalização.

Palavras-chave

Jornalismo; Multifunção; Mercado de trabalho; Formação; Tecnologias

1. Introdução

O jornalista, no seu cotidiano, tem a possibilidade de fazer diversas escolhas, uma delas é em relação ao mercado de trabalho. Muitos quando saem da universidade não sabem qual área gostariam de seguir, jornalista em Rádio, TV, Jornal, Revista, Assessoria de Imprensa, e acabam trabalhando em diversas delas. A pesquisadora Cláudia do Carmo Nonato Lima ressalta que o século XX foi um período de mudanças no trabalho do jornalista, o mercado de trabalho foi reorganizado, a informação se tornou super valorizada. Situações como essa contribuem para o surgimento de profissionais multifuncionais.

¹ Trabalho apresentado no IJ01 - Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Bacharel em Jornalismo pela Unochapecó. alinedilkim@yahoo.com.br

³ Mestre em Comunicação Social. Professora do Curso de Jornalismo da Unochapecó, coordenadora do projeto Documentário e Comunidade – uma história que vai virar filme e do Núcleo de Iniciação Científica em Mídia Cidadã, e-mail: Ilka@unochapeco.edu.br

⁴ Bacharel em Jornalismo pela UPF, especialista em Comunicação Social - Novas Mídias pela UCEFF, coordena a Assessoria de Imprensa da Unochapecó. E-mail: tchesco@gmail.com



A proposta desse estudo foi justamente analisar as causas e as consequências da multifunção na vida profissional e pessoal de jornalistas que atuam em diversos espaços de trabalho da comunicação em Chapecó. Para isso, foram verificadas as condições de trabalho desses jornalistas; o que leva esses jornalistas a exercer várias funções no mercado de trabalho e como a multifunção interfere na vida pessoal e no exercício da profissão. No levantamento bibliográfico foram encontrados dados de 2001, no artigo de Denise Prola, “O processo de trabalho dos profissionais de comunicação” sobre uma “super exploração do profissional” na região oeste de Santa Catarina, o que acabaria possibilitando a existência das multifunções.

Outro dado foi encontrado no Trabalho de Conclusão de Curso “O perfil do profissional de jornalismo nas mídias diárias em Chapecó e as suas percepções sobre o jornalismo e formação acadêmica”, de 2009, de Rafaela Menin. Dos 31 profissionais entrevistados por Menin, 12 possuíam outra fonte de renda, esses dados apresentam que o salário de um só veículo de comunicação não é suficiente. Um dos apontamentos a serem levados em consideração é que a maioria dos analisados, entrevistados, eram solteiros.

Segundo Travancas (1992), muitos profissionais estão submetidos a trabalhar em outras áreas, exercer outras funções para auxiliar na renda. Outro aspecto importante a ser considerado é a falta de tempo dos jornalistas que acabam tendo que se dedicar a várias funções, prejudicando muitas vezes a qualidade da produção do material veiculado.

2. O uso da tecnologia no trabalho do jornalista

Desde o início do século XX, a imprensa brasileira está em fase de transformação. Os jornais e as revistas começam a se transformar em grandes empresas, o leitor começa ter a sua vez, pois o jornal não conseguia apenas sobreviver do estado ou de setores envolvidos com a economia política. (GONTIJO, p. 2004). A autora Silvana Gontinjo, segue dizendo que com todas essas transformações na imprensa, o jornal precisava atrair os leitores para que pudesse vender, garantindo sua sobrevivência. As ilustrações precisavam ser modificadas, as fotografias a ser estampadas nos jornais, fazendo com que cada vez mais fosse investido em tecnologia, até mesmo as impressões deixavam de ser preto e branco e passavam a ser coloridas.



Na década de 1980, o capitalismo passou por um processo de reestruturação e organização econômica, fazendo com que as novas tecnologias da informação tivessem um papel fundamental e decisivo na sociedade contemporânea. E o jornal do Brasil foi o primeiro a passar por uma grande modernização da imprensa, transformando-se, na época, em o jornal brasileiro com a maior e mais moderna redação.

Baldessar ressalta que a comunicação é um dos instrumentos utilizados pelo capital para a constituição e manutenção da ordem, ou seja, para o desenvolvimento de tecnologias que começam a se fazer necessárias. “A palavra tecnologia está incorporada no dia a dia de todos nós. Qualquer ação, por mais simples que seja, esta permeada de tecnologia: verificar o saldo bancário, conversar pelo telefone, escrever um texto. (Baldessar, 2003 p.51)

Com o passar do tempo as tecnologias invadiram as redações e o cotidiano das pessoas, e com isso se desenvolveram meios mais sofisticados de comunicação. Com a chegada das máquinas, a preocupação dos jornalistas com seu emprego foi notória, assim como a resistência ao computador. Para Vieira apud Baldessar(2005), a tecnologia se volta sempre para a força de trabalho, ela pode aumentar e garantir o excedente mas não melhora as condições de trabalho. “Em 1981, o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo organiza um seminário para discutir o uso do computador nas redações e as implicações que a adoção dessa nova ferramenta pode trazer para a categoria. (Baldessar, 2003 p.57)

O computador iria facilitar o trabalho na redações e conseqüentemente geraria alguns problemas, assim como o desemprego. Na Folha de São Paulo, em 1984, mais de cem jornalistas foram demitidos. Na história do jornalismo é possível encontrar diversas manifestações coletivas, paralisações, algumas até receberam o nome de operação “tartaruga” ou greves, a briga dos jornalistas era em torno da jornada de trabalho e do piso salarial.

Ao longo dos anos, o uso das máquinas passou a ser entendido como uma condenação ao capitalismo. Mas, atualmente as tecnologias podem ser ligadas diretamente à comunicação, o símbolo do momento é a rede mundial de computadores e sem dúvida a internet está em primeiro plano nas redações (BALDESSAR 2005).

3. Jornalista: Herói ou operário?

A profissão de jornalista é fundamental na vida de uma sociedade que busca pela informação. Mesmo que alguns profissionais demonstrem insatisfação, é possível



encontrar aqueles que não largam o trabalho por nada. Essa insatisfação, citada por Travancas(1992), pode ser encontrada ainda no início do surgimento da categoria. Rangel (2006) diz que uma das reivindicações dos jornalistas da época era a má remuneração, fazendo com que alguns jornalistas desistissem da profissão, procurando serviços públicos, trabalhando com políticos ou até mesmo em outras funções dentro da área do jornalismo para compensar o baixo salário.

Rangel (2006) acredita que o jornal Última Hora teve um papel fundamental na história, no que se refere ao salário. Quando o veículo registrou o salário dos jornalistas que ali trabalhavam, fez com que outras empresas também aumentassem o salário dos seus jornalistas para assim garantir dedicação dos mesmos a um único veículo. Dessa maneira os acordos entre patrões e empregados elevaram o salário dos jornalistas.

Aos poucos a tecnologia foi avançando e possibilitou ao jornalista ser multifuncional novamente. O fácil e ágil acesso à informação pela população, fez com que a procura por novas funções da categoria acontecesse e mais uma vez a baixa remuneração entrasse em pauta. Segundo Travancas(1990), todos os jornalistas de uma forma ou outra reclamam do salário. Mas não é só isso que entra no “jogo”, também a carga horária, possibilita ao jornalismo possuir mais de um emprego, ou seja, mais de um vínculo empregatício.

Além disso, a autora acredita que os jornalistas iniciantes aceitam entrar no mercado de trabalho assim que acham um emprego, se submetendo muitas vezes à escravidão, além disso, utilizando o seu telefone particular para agendar entrevistas, o seu computador para redigir as notícias, seu gravador, e diversos outros equipamentos necessários.

Segundo Bahia(1990) o tempo e os ganhos tecnológicos demonstraram a importância de uma formação acadêmica, pois com a passagem pela universidade o jornalista tem o conhecimento, conceitual e técnico necessários para a produção da notícia. Travancas(1992) afirma que para muitos o jornalismo é o que se aprende na prática. Traquina(2001) acredita que a formação universitária tem como privilégio de formação as ciências sociais humanas incluindo a da comunicação. A evolução histórica do perfil do jornalista não foi linear e as fases se sucederam sem aniquilar elementos anteriores. Assim, a fase atual da profissão se reproduz no discurso em que entrecruzam a fala humanista e a fala tecnológico mercadológica. (RIBEIRO,1994 p.199)

Ribeiro enfatiza que a profissão de jornalista pode ser marcada pelo romantismo, fazendo com que o profissional se envolva cada vez mais com o seu trabalho,



descobrimo até mesmo a sua vocação. Os autores Kovach e Rosenstiel argumentam que a primeira lealdade do jornalismo é o compromisso com os cidadãos, é como se fosse um contrato garantido ao público leitor que a informação repassada a eles não sofre com os interesses da empresa. Podendo assim ser chamado de independência jornalística, com a obrigação social e com a verdade.

Claudia Lago(2007) afirma que o ideal do jornalismo romântico é o jornalismo que produz com paixão, que se compromete com a sua matéria realizando-a com dedicação. Outro aspecto que a autora traz do romantismo jornalístico é a vinculação com o passado que ainda se faz presente, esse que se confunde com a possibilidade de intervenção social. No passado, o jornalista se baseava em sua missão social definida, uma época totalmente diferente de hoje em dia, onde muitas vezes o jornalista precisa sujeitar-se. Quando surge o jornalismo de mercado o ideal do romantismo quase desaparece, dando lugar para o sujeito criador, que utiliza da sua imaginação e de seu talento.

Para Ramonet, apud Pereira (2004), “a informação se tornou de verdade e antes de tudo uma mercadoria”. Para o autor alguns fatores contribuíram para que isso acontecesse, assim como as mudanças na estrutura das empresas de comunicação e os fatores políticos-culturais. Esse tipo de jornalismo recebe a influência comercial, diminuindo o número de notícias produzidas, além de fazer com que o jornalista se obrigue a conseguir um melhor status, para poder se manter no emprego, em muitos casos o profissional acaba ultrapassando limites e até mesmo desrespeitando o código de ética jornalístico. Pereira diz que aos poucos o texto e o conteúdo jornalístico se identificam com os interesses do mercado, fazendo com que o jornalista perca a “fama” herói para um simples operário. A mediação jornalística fica com o seu espaço restrito, pois as mudanças também afetam os status das fontes, fazendo com que elas mesmas comecem a produzir notícias.

A repórter do jornal carreira e sucesso⁵ Cristina Balerini, acredita que as mudanças no mercado de trabalho permitiram que o jornalista atuasse em diversas frentes. Além de acreditar que a tecnologia está envolvida diretamente com a multifunção do jornalista, não só dentro de uma única empresa, mas atuando em diversas outras áreas da comunicação.

Um dos aspectos que podem ser relacionados a esse assunto é o “práxis livre”, onde o profissional tem a oportunidade de escolha além de ser o responsável pelo seu

⁵ Site www.catho.com.br acessado 29 de junho de 2010 as 16horas.



trabalho. E os profissionais brasileiros de hoje em dia resistem à organização em moldes industriais, levando em consideração que se é capaz de fazer o jornalismo romântico, sendo que no campo o que prevalece é a lógica-mercadológica. (LAGO. 2007)

Na sociedade capitalista, o trabalho está diretamente ligado ao capital. Marx(1993:120) afirma que o capital é “certa quantidade de trabalho armazenado e acumulado”. A sociedade se apropria dos bens do trabalho. A empresa visa o lucro, o crescimento, um melhor resultado. Para isso, utiliza todos os mecanismos disponíveis na sociedade. O capital ocupa uma verticalidade e o trabalho uma negatividade.(LIMA. 2009 p7)

O jornalista se divide para atender a prioridade de informar e atender o mercado de trabalho, com isso o repórter do passado, conhecido como o cidadão curioso e “romântico”, deixa esse posto para se adaptar às novas tendências. Diante disso, alguns cargos dentro das redações foram extintos e uma nova reorganização foi feita, fazendo com que o jornalista se tornasse um profissional multifuncional.

Lima(2007) afirma que muitos jornalistas aproveitam dessas tecnologias para trabalhar em casa, bancando o seu próprio trabalho com diversas funções. Para ele, o jornalismo está com o seu perfil em transformação, Sant’anna apud Lima(2007) ressalta que o perfil mais individualista pode ocupar mais espaço. Ela acredita ainda que o alguns profissionais ocupam esse espaço no jornalismo como status, para assim se tornar grandes estrelas e recheiar a carteira no final do mês.

Para Koshiyama (2008), o jornalismo hoje é uma profissão no Brasil que fascina e confunde seus receptores com espetáculos muitas vezes próximos dos ficcionais; “alguns jornalistas tornaram-se ídolos nos meios de comunicação de massa e temos em ação neles pessoas com os mais diferentes perfis intelectuais e morais – para o bem e para o mal”.(LIMA. Ano2007 p12)

Travancas(1992) diz que o jornalista deve se responsabilizar por suas matérias e as informações divulgadas, devendo sempre corresponder com a verdade. É preciso conhecer o conceito de ética antes de tomar qualquer decisão, a noção dessas normas impostas pela profissão faz com que o jornalista crie uma visão entre o real e o ideal. Não se pode confundir a missão do jornalista com o poder da profissão e utilizar ele para se vangloriar diante das situações impostas durante o cotidiano.

4. Os jornalistas entrevistados



Os cinco profissionais entrevistados nessa pesquisa exercem mais de uma função dentro no mercado de trabalho da comunicação em Chapecó e são formados (possuem diploma e registros), respeitando um dos critérios da pesquisa. A escolha desses jornalistas aconteceu a partir da visibilidade que os profissionais possuem na mídia, assim foi possível perceber o acúmulo de funções que os mesmos possuíam. Os jornalistas não são identificados para não os comprometer profissionalmente, e assim assegurar a credibilidade nas informações fornecida pelos mesmos. Partimos do princípio de que os entrevistados não possuem a mesma idade, são todos solteiros, sendo uma entrevistada mulher e quatro homens.

O jornalista A, trabalha em três empresas de comunicação, é colunista social auxiliar de direção em um jornal, eventualmente ministra aulas, mora com os pais. O jornalista B trabalha em cinco empresas de comunicação, é colunista em um jornal, repórter e apresentador em uma emissora de TV, trabalha nas duas rádios de Chapecó como apresentador e concilia todas as funções com a de assessor de imprensa, mora sozinho. O jornalista C trabalha em cinco veículos de comunicação, exerce funções de repórter e pauteiro na televisão, é colunista social de diferentes revistas, tenta atualizar diariamente seu blog particular além de ser fotojornalista, e ainda reside com os pais. A jornalista D trabalha em dois veículos de comunicação, as funções exercidas por esse profissional são de repórter em rádio e jornal, além de fazer freelance quando necessário. Ela reside com os pais e um filho. E por fim, o jornalista E trabalha em quatro veículos de comunicação, exercendo as funções de apresentador e repórter na televisão, colunista social em várias revistas e em um jornal, tem a participação em um programa humorístico em uma rádio da cidade e assessor de imprensa, mora sozinho.

Já que a idade dos jornalistas não é a mesma, percebemos que essa pesquisa trabalha com diferentes faixas etárias, sendo que três profissionais com idade entre 26 e 30 anos.

4.1 Jornalismo enquanto profissão e o aperfeiçoamento profissional

Durante a coleta de dados, foram feitas perguntas sobre o que cada entrevistado pensa, sobre a formação em jornalismo e o aperfeiçoamento profissional, levando em consideração os conceitos pertinentes a essa pesquisa e a prática que os mesmos exercem em seu cotidiano. Traquina(2005) lembra que há muito tempo o jornalismo é considerado o “quarto poder” e argumenta que um dos aspectos importantes do jornalismo enquanto profissão é a formação superior. Os entrevistados consideram fundamental conhecer a teoria e depois colocar em prática. Alguns dizem que o



conhecimento teórico auxilia na entrada para o mercado de trabalho, “a bagagem adquirida na universidade diferencia um profissional de outro que não possui o conhecimento”, argumenta o jornalista E.

Sobre o registro profissional, ele afirma: “penso que as duas devem ser cobradas, o diploma como um comprovante da academia e o registro como um documento, tudo isso agrega para as pessoas te conhecerem”, argumenta o jornalista C e o jornalista B complementa: “Sou completamente a favor do diploma de jornalismo, qualquer profissão exige e para a do jornalista também deveria ser obrigatório, só traz benefícios”.

O jornalista A, que possui três empregos, diz que busca uma especialização não voltada para a área do jornalismo, mas que esteja próxima. Ele acredita que tanto a formação como especialização podem suprir algumas necessidades do mercado de trabalho da comunicação, por serem parecidas. A afirmação que o jornalista E faz é interessante, ele diz ter medo de perder as suas funções para um outro profissional que procurou aperfeiçoamento. Ele diz “Eu quero ir à procura de uma especialização para não ficar refém de uma empresa”. Rossi (1992) argumenta que a especialização é uma grande briga entre o profissional e as empresas. O jornalista não deve ficar esperando pela empresa, mas tem que procurar esse conhecimento, pois poderá de alguma maneira informar melhor o seu público, quem sabe até melhorar o salário e as suas condições de trabalho.

Lourenço Diaféria apud Ribeiro diz: “o poder do jornalista é um crachá invisível que o jornal lhe dá, que ele pendura no peito e pensa que todo mundo está vendo, mas só ele vê. Quem faz o jogo do poder é o dono do jornal e o jornalista não tem nada com isso. Ele não tem poder nenhum” (2007. p.207). Na seqüência o autor afirma que uma das formas de valorização do profissional jornalista é transferir conhecimento das experiências através de palestras, cursos e oficinas auxiliando nas suas fontes de renda.

Todos os jornalistas afirmam que a profissão é fascinante, apaixonante que é a melhor profissão do mundo. O jornalista C diz: “Me ame ou me odeie, essa é a profissão que escolhi para a minha vida”. Apenas o jornalista B fala da pouca remuneração, é importante lembrar que esse jornalista é o mais velho dos entrevistados. Travancas(1992) afirma que o único problema na profissão é a baixa remuneração e isso faz com que os profissionais procurem novos serviços. O jornalista D diz: “Acho que a baixa remuneração é um dos fatores que leva o profissional a buscar mais de um emprego, mas acredito que a maioria vai pela paixão à camisa mesmo”, esse jornalista



entrevistado é o mais novo de todos, e ainda possui o “ideal do jornalismo romântico”. Já o jornalista B, que possui a idade intermediária contradiz: “Trabalhando em um veículo e recebendo um piso salarial você não consegue pagar as despesas do mês, isso quando recebe o piso, então fica muito difícil, quer dizer, ninguém vive só do amor ao jornalismo, isso é um pouco de demagogia”.

Uma das perguntas feitas para os entrevistados é como eles percebem o jornalismo local, e se concordam com o jornalismo romântico, heróico, ou acreditam no jornalista operário. O jornalista B diz: “para muita gente um herói é conhecido como um revolucionário” e o jornalista A argumenta: “O jornalista não é nem herói e nem revolucionário, mas temos uma função para cumprir na sociedade[...] temos compromissos com a sociedade, em divulgar assuntos e contribuir com o desenvolvimento da comunidade”.

Os entrevistados se consideram jornalistas românticos, porém jornalistas de mercado. O jornalista E acredita que um jornalismo romântico não sobrevive: “Não tem como você ser um jornalista extremamente romântico porque você passa fome e não tem como você ser um jornalista de mercado porque daí você não muda nada, eu sou um jornalista meio termo”. O jornalista A diz: “Se eu fosse um jornalista com ideal romântico teria apenas um emprego, e se eu tivesse apenas um emprego não teria como me sustentar”, e o jornalista B conclui: “tudo gira em torno do interesse”. O que Ribeiro, apud Pereira(2004 p.8), afirma é que a evolução do jornalista não é linear, se formando a partir de um duplo discurso, “em que se entrecruzam a fala humanista e a fala tecnológico-mercadológica”.

4.2 Multifunção: trabalhar mais de um emprego em diferentes mídias

O jornalista E diz que as oportunidades foram surgindo e ele foi abraçando para não largar as outras funções que tinha. O jornalista C diz que gosta de variar as funções: “Procuro conhecer todas as áreas do jornalismo. E gosto de foto, eu quero ir agregando”. Para o jornalista B se o profissional realmente gosta da profissão de jornalismo, gosta de fazer tudo. O jornalista D complementa: “defendo a questão da realização profissional, eu amo o que eu faço, tanto no rádio quanto no jornal, gosto do dinamismo que o rádio tem, as atividades se completam”. Ele continua dizendo que muitas vezes, dentro de uma empresa, os chefes dão mais serviços para aqueles que têm bastante o que se fazer, quem sabe por confiarem no empregado e saber que ele vai dar um jeito de concluir mesmo sobrecarregado.



Como todos reclamaram dos salários, o jornalista D diz: “queremos realização profissional, queremos salário, porque apesar de ser solteiros, temos planos e objetivos de vida, e muitas vezes buscamos isso através das várias funções”, o jornalista B diz que nem todos gostam de todas as áreas do jornalismo, e assim muitas vezes abrem mão das propostas que recebem, “ninguém vai ficar fazendo jornalismo só para ganhar dinheiro, porque daí corre o risco do trabalho sair mal feito”. Baldessar(2005) lembra que o profissional está cada vez mais qualificado e pode servir de mediador em diferentes mídias do mundo globalizado.

Todos se sentem totalmente realizados com a profissão de jornalista. Eles dizem que não conseguem se imaginar trabalhando em outras profissões. Alguns afirmam que muitas vezes eles são indicados para novas funções, o que contribui para que tenham tantos empregos, “Aqui em Chapecó todos foram indicados por Q.I ou onde eles estão é pelo próprio trabalho?”, questiona o jornalista A e o Jornalista E contradiz dizendo que não adianta ter Q.I e não saber exercer as funções de um jornalista perante a sociedade, ninguém engana por muito tempo.

4.3 O código de ética dos jornalistas

Também foi perguntado para os cinco jornalistas o que eles pensam do código de ética dos jornalistas. Como todos possuem diversas funções, uns até se submetem a trabalhar nas empresas de comunicação e possuir uma assessoria de imprensa particular, assessorando empresas, organizações, ONGs. Segundo Eugênio Bucci (2006), os jornalistas utilizam do seu talento e dos seus conhecimentos em diversas áreas para vender o seu trabalho, muitas vezes para que a venda aconteça os profissionais ultrapassam limites.

Os jornalistas aceitam os trabalhos e nem param para pensar se estão ou não ferindo o código. Na primeira entrevista individual o jornalista A declara não conhecer se existe alguma norma que proíba ele de trabalhar em assessoria possuindo outras funções no mercado de trabalho, ele ainda enfatiza que está no mercado para ganhar dinheiro. Bucci (2006) argumenta que o assessor de imprensa se encarrega de intermediar as relações do seu assessorado (cliente) com os repórteres de diferentes mídias. A ocupação de repórter e assessor não possui nenhum problema, mas quando ambas são utilizadas pelo mesmo jornalista ficam comprometidas. O jornalista B acredita que não fere o código, mas quando questionado da sua função como assessor diz que “deixei claro aos meus assessorados que não mandaria reais para os veículos em que eu



trabalho”. Já o jornalista E completa, “é uma questão muito relativa”, continua dizendo que o que “vier tá na telha”, mas lembra que existe coisas piores acontecendo do cotidiano do jornalismo, e que pode ser ignorância por parte dele não conhecer o código de ética.

Todos os jornalistas afirmam que não ferem o código de ética com as funções de jornalista/repórter e assessores de imprensa. O Jornalista C diz “não estou ferindo nada, não me aproveito dos espaços para me tornar conhecido” e o jornalista D finaliza “apenas exerço o meu trabalho o de informar a comunidade”.

Enfim, o que são virtudes no assessor de imprensa se tornam pecados no jornalista, e vice-versa. Para o assessor, o fato de ser jornalista às vezes ajuda. Para o jornalista é chato. Se quiser evitar a morte por esartejamento moral a leva o conflito de interesses não resolvido, ele deve guardar distância de léguas de qualquer atividade profissional que constitua assessoria de imprensa ou publicidade. Ou o que possa ser vista como tal. (Bucci. 2006. p81)

O autor continua enfatizando que o antes do sucesso um profissional da imprensa precisa ter sua credibilidade pessoal. O jornalista E ainda explica por que não sente que fere o código de ética, “tudo gira em torno do interesse, tudo é uma na questão financeira, tanto da empresa como a do jornalista, o que precisa é ter bom senso”.

Os entrevistados passaram pela matéria de ética nas faculdades em que cursaram, então podem assim ter uma noção de quais são os deveres do profissional e, principalmente, saber o que se deve ou não fazer, ou seja, qual deve ser a conduta do profissional no mercado de trabalho, quando lida com fontes, e produz suas informações para a sociedade. O código de ética da FENAJ de 2007 alerta, no artigo 7º, o que o jornalista não pode

Art. 7º O jornalista não pode:

I - aceitar ou oferecer trabalho remunerado em desacordo com o piso salarial, a carga horária legal ou tabela fixada por sua entidade de classe, nem contribuir ativa ou passivamente para a precarização das condições de trabalho;

II - submeter-se a diretrizes contrárias à precisa apuração dos acontecimentos e à correta divulgação da informação;

III - impedir a manifestação de opiniões divergentes ou o livre debate de idéias;

IV - expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais;

V - usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime;

VI - realizar cobertura jornalística para o meio de comunicação em que trabalha sobre organizações públicas, privadas ou não-governamentais, da qual seja assessor,



empregado, prestador de serviço ou proprietário, nem utilizar o referido veículo para defender os interesses dessas instituições ou de autoridades a elas relacionadas;
VII - permitir o exercício da profissão por pessoas não habilitadas;
VIII - assumir a responsabilidade por publicações, imagens e textos de cuja produção não tenha participado;
IX - valer-se da condição de jornalista para obter vantagens pessoais.
(FENAJ, 2007 p.02)

4.4 O cotidiano dos jornalistas com multifunções

O jornalista C acredita que está desempenhando um bom trabalho, tentando dividir o seu tempo, com as outras funções que possui. Travancas(1992) diz que outro fator importante na profissão do jornalismo é o tempo, pois as redações trabalham com base nele, para apurar, checar as informações. O tempo pode além de tudo determinar um estilo de vida próprio de cada pessoa. Contradizendo o jornalista C o jornalista E diz que o seu desempenho é regular, “acredito nisso justamente por acumular várias funções, talvez seja um pouco de pretensão minha achar que vou ser bom em tudo”. O jornalista D diz que é extremamente crítico com o seu trabalho e avalia o seu trabalho como satisfatório, “Tudo que faço, realizo com dedicação quase que total, aproveitando o tempo, sempre me empenho para ter os melhores resultados”.

“Divido o horário comercial da minha semana entre as três funções que eu executo e sempre sobra trabalho para fazer fora do horário ou no final de semana, eu acabo tirando um pouco do meu convívio familiar o convívio com os amigos”, ressalta o jornalista A que continua dizendo que não assume outras funções se sabe que o trabalho irá ser de má qualidade. O jornalista E fala do seu tempo para o lazer e a família, “O meu tempo de lazer é bem reduzido até mesmo às vezes, no domingo eu tenho que trabalhar, mas eu tenho um tempo eu acho que é significativo. Prola(2001) ressalta que muitos jornalistas se queixam do tempo para família, pois é uma grande dificuldade dividir as duas coisas – vida pessoal e a vida profissional.

Nessa pesquisa todos são solteiros e a maioria mora com a família o que pode estar justificando algumas respostas e até mesmo algumas funções. Travancas(1992) diz que muitas vezes são as redações que se tornam as casas dos jornalistas e os colegas de trabalho a família, pois ali é onde passam mais tempo, dividindo o seu dia-a-dia.

4.5 Tecnologia: O jornalista nos dias de hoje



Todos os jornalistas entrevistados dizem que a tecnologia auxilia no desempenho das atividades, pois podem estar na redação de um veículo, por exemplo, exercendo um texto para outro veículo para qual trabalha. Os equipamentos mais utilizadas são o notebook, celular e pendrive. O jornalista A diz: “ com a tecnologia consigo revisar as minhas matérias em qualquer lugar[...] hoje em dia ninguém mais vai para a biblioteca pesquisar, tem tudo na internet”, e o jornalista B argumenta que quando começou não existia muitas novidades tecnológicas, “estou ficando velho, quando eu iniciei estávamos na redação sofrendo pelo processo de adaptação, antes era tudo manual e as matérias que nós produzia tinha que ter muita sorte para sair no outro dia”. Para finalizar o jornalista C diz “a tecnologia é um ganho de tempo, hoje conseguimos fechar o jornal até às seis da tarde”.

5. Considerações finais

Após o término da pesquisa, é possível refletir sobre as causas e as conseqüências das multifunções na vida dos jornalistas entrevistados e também no mercado de trabalho em Chapecó. Através dos depoimentos é possível perceber como os jornalistas enfrentam com garra e determinação seus desafios diários para cumprir com as funções que assumiram nas empresas para as quais trabalham.

Observando os depoimentos, é possível concluir que a baixa remuneração é uma das causas da multifunção. Quando falam dessa situação, alguns jornalistas lembram que nunca participaram das assembleias do sindicato, nunca lutaram pela união da categoria, mas sempre atuaram em causa própria. A partir desses depoimentos percebe-se que a multifunção no caso desses jornalistas não é por acaso, é também uma escolha profissional. Para eles a busca por uma melhor remuneração não passa por uma luta coletiva da categoria, mas sim por um “reconhecimento” individual.

A paixão que os profissionais demonstram ter pela profissão é grande, e esse é outro motivo que pode levar o jornalista a exercer outras funções. O prazer de exercer, de conhecer outras áreas do jornalismo, está visível no perfil de cada entrevistado. Analisando suas opiniões, é possível perceber a vontade de alguns em exercer o jornalismo com o ideal romântico, mas isso não acontece por dependerem das empresas para a sobrevivência, levando assim o profissional a se sujeitar ao ideal do mercado, construindo a sua identidade profissional.

Os jornalistas gostam de se relacionar com a sociedade, seus nomes são conhecidos no município, se não são valorizados pelos patrões eles buscam de alguma



maneira ser reconhecidos pela sociedade. Às vezes acabam contrariando o código de ética dos jornalistas se submetendo à trabalhar em duas ou mais funções conflitantes, como a de assessor de imprensa e repórter. Essa pode ser considerada mais uma das conseqüências da multifunção. A análise mostra que na opinião dos profissionais, quando se fala em qualidade de informação, está tudo certo. Eles percebem que poderiam ser melhores, mas devido ao tempo e às atividades que possuem não conseguem muitas vezes aprofundar os fatos. Lembram também que em uma só empresa já possuem diversas funções, como de editor, apresentador, diagramador e não se sentem totalmente reconhecidos por ela, assim buscam novos serviços fora da empresa.

Com esses depoimentos é possível verificar como a multifunção interfere na vida pessoal e no exercício da profissão. Não tendo tempo para o lazer, esses jornalistas acabam levando o trabalho como uma diversão. Em referências bibliográficas presentes nessa pesquisa é possível perceber que, em diferentes épocas e lugares, muitos jornalistas consideram a redação uma segunda casa, ali todos compartilham as alegrias e a agonia do dia-a-dia. Os jornalistas acabam se submetendo às multifunções pelo prazer, pela paixão, pela necessidade de aumentar a sua fonte de renda, mas a influência da tecnologia e da modernidade facilita essa condição. Todos argumentam que sem a tecnologia seria muito difícil ter mais de uma função.

Apesar das reclamações todos os entrevistados garantem que não largariam a profissão de jornalista por nada. Isso demonstra que ainda existem profissionais formados (com diploma) que acreditam na profissão. Importante é aprofundar pesquisas deste tipo para compreender como esse amor pela profissão pode ser revertido em melhores condições de trabalho para os jornalistas, afim de que assim como outros profissionais, o jornalista também possa usufruir de mais tempo para executar suas atividades e de mais recursos financeiros para viver com dignidade.

Referências bibliográficas

AMARAL, Márcia Franz. **Desdém ou superexposição?**. IN: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=276DAC003> acessado 26/06/2010 às 01horas

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica:1 história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BALDESSAR, Maria José. **A mudança anunciada. O cotidiano dos jornalistas com o computador nas redações**. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 2003.



BALERINI, Cristina. **O profissional multifunção – A difícil arte de exercer várias funções.** 2010 IN:

http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:vb9IREqOqzJ:www.catho.com.br/jcs/inpuer_view.phtml%3Fid%3D4341+%22multifun%C3%A7%C3%A3o+jornalismo%22&cd=6&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&lr=lang_pt Acesso 29/06/2010 às 16horas.

BARBOSA, Marivalda e HOHLFELD, Antonio. **Jornalismo no século XXI a cidadania.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e Imprensa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000

GONTIJO, Silvana. **O livro de ouro da comunicação.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo.** São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro. Record. 2001.

LAGO, Cláudia. **Ethos românticos jornalístico e cinema.** Florianópolis/SC: 2007.

MENIN, Rafela. **O perfil do profissional de jornalismo nas mídias diárias em Chapecó e as suas percepções sobre jornalismo e formação acadêmica.** (Trabalho de Conclusão de Curso). Chapecó, 2009)

NÓRA, Gabriela. **“O curioso caso do jornalismo impresso”: considerações sobre tempo e jornalismo na era digital.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2010.

PEREIRA, Fabio. Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão.** BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Corvillhao (Portugal), 2004.

PROLA, Denise. **O processo de trabalho dos profissionais de Comunicação.** IN: PEREIRA. Jorge Arlan de Oliveira; SPESSATTO. Mary Bortolanza. Grifos Dossiê Comunicação e Mídia. Chapecó/SC: Argos, 2001.

RANGEL, Monique Benati. **Profissionalização Jornalística: Identidade, Anonimato e Autoridade.** Intercom 2006.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre Alerta.** São Paula: Olho d'Água, 2001.

ROSSI, Clovis. **Vale apenas ser jornalista.** São Paulo: Editora moderna, 1992.

TRAQUINA, Nelson . **Teorias do Jornalismo.** Florianópolis/SC: Insular, 2005.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas.** São Paulo: Smmus, 1992